

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.

Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



# TROYAS

DE

*Luiz Antonio Tosi da Silva Rebello.*

NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

*el C. O. D.*

RIO DE JANEIRO.

Typo de N. LOBO VIANNA & FILHOS, rua d' Ajuda n. 79

—  
1855

A. Alberto de Oliveira

Lembrança do

Pedra Verde

Rev. 29 - K. 919.

# TROYAS

No Exmo. Amizte D<sup>o</sup>: Mello Moraes  
Rembranca do DE ~~seu~~ administrador

Vie MEMOR\*

Quartel de Aquitania

Laurindo José da Silva Rabello,

NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

*J. A. A. Souza*



*Bredes 1864*

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE N. LOBO VIANNA E FILHOS,  
rua d'Ajuda n. 79.

—  
1855



# A' QUEM LER.



Huma collecção de trovas em grande parte já publicadas, é o que contém este pequeno volume.

Queríamos, e podíamos fazel-o maior; mas á face das despezas da imprensa, e da grande difficuldade que deveríamos ter em alcançar assignaturas, baldo como somos de um nome conhecido, julgamos mais prudente deixal-o ir assim.

O titulo que lhe damos, claro deixa que o não fazemos publicar com pretensões a louvores; sabemos que é talvez dos peiores em seu genero: porém, á ver si alguma cousa melhor para o futuro apresentaremos, pedimos ao leitor illustrado, que o leia com sevéra imparcialidade, e particularmente, ou pela imprensa, não nos faça obsequios em critica, pois preferimos uma censura que nos illustre, a elogios que nos doirem os erros.

---



meu mestre e verdadeiro amigo

O SENHOR

**DR. SALUSTIANNO FERREIRA SOUTO.**



*Offereço-vos este mesquinho trabalho, que por muito imperfecto, é certamente bem pouco digno de vós.*

*Ordenastes que tal não fizesse; mas não vos pude obedecer. Perdoai-me: o respeito, que vos consagro, é bem profundo; mas contra elle combateram a amizade e a gratidão: são dous agentes cada qual mais forte; o respeito era um só, a maioria venceu. O que houve em tudo isso? — Um jogo mecano de sentimentos, segundo o qual obrei sem consciencia de acção. Bem mereço por-*

*tanto o perdão, que vos peço ; e certo de que  
me não será negado pela vossa bondade ,  
desde já uso delle, como de mais um motivo  
para confessar-me*

O mais respectuoso dos vossos discipulos,  
e dos vossos amigos o mais obrigado

**LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO.**

# O QUE SÃO MEUS VERSOS.



Si é vate, quem accêsa a fantasia  
Tem de divina luz na chamma eterna ;  
Si é vate, quem do mundo o movimento  
C'o movimento das canções governa ;

Si é vate, quem tem n'alma sempre abertas  
Doces limpidas fontes de ternura,  
Veladas por amor, onde se miram  
As faces de querida formosura ;

Si é vate, quem dos povos, quando falla,  
As paixões vivifica, excita o pasmo,  
E da gloria recebe sobre a arêna  
As palmas, que lhe off'rece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento  
Do desgosto gelou fatal quebranto ;  
Que, de tanto gemer desfallecido,  
Nem sequer movo os echos com meu canto !

Eu triste, que só tenho abertas n'alma  
Envenenadas fontes d'agonia,  
Malditas por amor, a quem nem sombra  
De amiga formosura o Céu confia !

Eu triste, que dos homens despresado,  
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,  
Actor no palco estreito da desgraça  
Só espero a corôa do martyrio !

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;  
Meus versos pela dôr só inspirados, —  
Nem são versos — menti — são ais sentidos,  
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel, que o coração verte em golfadas  
Por continuas angustias comprimido ;  
São pedaços das nuvens, que m'encobrem  
Do horisonte da vida o sol querido ;

São annéis da cadêa, q'arrojou-me  
Aos pulsos a desgraça, ímpia, sanhuda ;  
São gôtas do veneno corrosivo,  
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Sêcca de fé, minha alma os lança ao mundo,  
Do caminho que levam descuidada,  
Qual, ludibrio do vento, as sêccas folhas  
Sólta á êsmo no ar planta mirrada.

---

# O MEU SEGREDO.



## L.

O lume de sinistro fogo estranho  
    Que em meu olhar se accende ;  
A nuvem que de magoas carregada  
    No rosto se me estende ;

Esta agonia acerba que repassa  
    Os sons da minha lyra ;  
Este sceptico altivo horror ao mundo  
    Que em tudo meu respira ;

Estas rugas, que trago sobre as faces,  
    Os modos distrahidos,  
A constante desordem do semblante,  
    Dos gestos, dos vestidos ;

Revela tudo um segredo,  
    Que o mundo não sabe ler ;  
Segredo que só com pranto  
    E' que se pôde escrever ;

Segredo, que em meu futuro :  
Negro anathema cuspiu ;  
Segredo, que seduziu-me ;  
Segredo que me trahiu.

Letras escriptas com pranto  
Sei que apagadas serão !  
Sei que um segredo de magoas  
Nunca merece attenção !

Mas não importa ; hoje quero  
O meu segredo escrever ;  
Que guardado por mais tempo  
Talvez me faça morrer.

## II.

Mandado do inferno  
Por impio destino,  
Um genio mali'no  
No berço me viu —  
E apos um instante  
Haver-me encarado  
Com gesto irritado,  
O Genio — o meu fado  
Traçando, sorriu,

Sorriu-se... e mudados  
No mesmo momento  
Que o Genio cruento,

Cruento me viu,  
Em negra tristeza,  
Meus gostos findaram ;  
Meus labios murcharam ;  
Meus ais começaram ;  
Meu pranto cahiu.

No peito inda verde  
Seccou-se a ventura  
D'aquella fé pura  
Que a infancia nos dá ;  
No espelho onde via  
Em extasi santo  
Os risos, o encanto,  
De um mundo, que ha tanto  
Não sei onde está.

Em dita tão pura  
Minh'alma exultava,  
E quando alcançava  
Sabia explicar ;  
Que além de dar crença  
A tudo que ouvia,  
Por certa magia,  
As cousas que via,  
Sentia fallar.

Si ás vezes tentava  
Brincar com as flôres,

Revedo os labores  
De um vasto jardim,  
A brisa me dava,  
No transitto leve,  
Um cantico breve  
Escripto na neve  
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta  
Nas azas de ouro  
Immenso thesouro  
Deixava-me ver ;  
E, qual um avaro,  
Sedento, inquieto,  
Com ardido affecto  
Atraz do insecto  
Me punha a correr.

Qual boca de nympha  
A pouco desperta,  
Si rosa entre-aberta  
Prendia louçã,  
Segredos da infancia  
A flôr me contava,  
Q'ue só escutava,  
E, rindo, exclamava : —  
Tu és minha irmã !...

A' vista do oceano,  
Immenso, ruidoso,

Que quadro assombroso  
Fez meu ideal !...  
Em extasi longo  
Vi n'elle espantado,  
Rugindo deitado  
Um monstro asulado  
D'enorme *crystal*.

Em crua e constante,  
Horrisona guerra,  
In'migo da terra  
Pintou-se-me o mar —  
Que fero c'oas ondas  
Na praia batia,  
E afflicto bramia,  
Porque não podia  
A praia arredar.

Na concha celeste  
Si os olhos fitava,  
Lá novos achava  
Encantos tambem ;  
Nos astros eu via  
De anjinhos um bando,  
Que, o corpo occultando,  
Me estavam olhando  
De um mundo de além.

Eu via na lua  
A casa encantada,

De luz prateada  
Fulgindo no ar ;  
Asylo sómente  
Da fada querida,  
Que vinha escondida  
A gente nascida  
De noite embalar.

O sol eu amava  
Da tarde na hora ;  
Amava-o d'aurora  
No fresco arrebol .  
E quando a taes horas  
No mar se escondia,  
P'ra elle me ria,  
Julgando que via  
Adeuses do sol.

III.

Mas esse tempo de encantos  
Que nunca julguei ter fim,  
Não é hoje para mim  
Mais que morta e secca flor !...  
Do Genio máo completou-se  
A primeira prophécia :  
Era o que o Genio dizia  
No seu riso mofador.

A natureza calou-se  
Desde que o Genio me viu ;  
Minha alma inteira sentiu  
Repentina mutação,  
Dei por mim em terra estranha ;  
Tive novos pensamentos ;  
Tive novos sentimentos ;  
Criei novo coração.

Visão do Céu... não — da terra ;  
Não podia ser do Céu ;  
Que Deus no domínio seu  
Falsos archanjos não quer ;  
Visão, que da natureza  
Toda a graça revestia,  
Por desdita vi um dia  
N'um semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,  
Que, ao ve-la, absorto fiquei ;  
Tanto, que não escutei  
O profundo soluçar  
Da innocencia, que, sentindo  
Da paixão a ardente calma,  
Abraçada com minha'alma  
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei ;  
Mas achei nessa loucura

Tanto bem — tanta ventura,  
Quaes nunca a rasão me deu ;  
Que si a rasão da verdade  
Tem os claros resplandores, —  
Amor o reino das flôres  
Tem todo inteiro por seu.

E á esta senda estrepada,  
Que á morte os seres conduz,  
O que lhe importa uma luz,  
Si a não tapisa uma flôr ?  
E si amor, além de flôres,  
Tambem possue um clarão,  
Antes amor sem razão,  
Do que rasão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos  
Da minha feliz loucura !...  
Libei o fel da amargura  
No mel de um beijo traídor !...  
Do Genio máu completou-se  
A segunda prophecia :  
Era o que o Genio dizia  
No seu riso mofador.

D'essa profunda chaga resta ainda  
Dorida cicatriz : a mão do tempo  
Talvez cure-a por fim; mas não tão cedo ;  
Que inda verte de si putrido sangue,

Si a magôão crueis reminiscencias  
De quadra tão feliz.

IV.

Outro fantasma, a gloria,  
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança  
Ao batel do desejo abrindo as vélas  
Minh'alma foi busca-lo.

De pintor bem fallaz condão tem elle  
Muito para temer ; do entusiasmo  
Nas lavas do vulcão accende o facho,  
Que os desenhos lhe aclara : esposa amante,  
Da-lhe, a imaginação, seus cofres todos,  
D'onde tira as estampas que copia  
Nas telas do futuro. De seus quadros  
Na belleza enlevada a viajante  
Navega sem sentir.

Eis ponto negro  
No asulado horizonte surge, e estende  
Asas de tempestade ! A's vistas magas  
Reposteiro de ferro mão ignota  
Rápido corre, e presto em lastro immenso  
De aguçados cachopos se convertem  
As aniladas ondas. Rola o lenho  
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,  
Enrolados na vela espedaçada,

O sôpro de um tufão some nos ares !..  
Rompendo a cerração espectro em osso  
De repente apparece, sacudindo  
Na dextra uma mortalha : involto n'ella  
Desceu meu Pai á campa !...

Musa, basta....

Parece-se um pouco aqui ; nas tuas asas,  
Que não n'este papel, corra meu pranto...  
Apara-o, anjo meu ; depois os mares  
Traspõe... o lar dos mortos não te assusta —  
Não é assim ? Pois bem, irmã querida,  
Na terra — nossa mãe — suspende os vôos;  
Busca a sombria região dos tumulos,  
E lá, depois de um beijo dar na campa  
De nosso amado Pai, depõe sobre ella  
Este pranto que verto.

*Em fim bonança*

Impia resplandeceu sobre os destroços  
Que fez o vendavel. Unico vivo,  
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os  
E ri-me... e n'este riso agonisou-me  
A ultima esperanza... foi a synthese  
De minha vida inteira ; — estreita fresca,  
Por onde, desmaiaJa e quasi morta,  
Minh'alma um raio morno  
De prazer sepulchral mandava ao mundo,

E o Genio, que viu meu berço,  
D'entre os cachopos surgiu,  
E olhando os estragos, riu  
Contente de minha dôr.

Do Genio estava completa  
Toda inteira a prophecia :  
Era o que o Genio dizia  
No seu rizo mofador.

V.

E d'esde então existo, mas não vivo ;  
Só tenho sentimento  
N'esse élo fatal por onde a vida  
Se prende ao soffrimento.

Vi na infancia relampago affogado  
Em negra escuridão ;  
De amor nas breves ditas vil mentira,  
Na gloria uma illusão.

Eis porque, dos prazeres desquitado,  
O rosto em pranto inundo ;  
Tudo odeio, e pareço desposado  
Com seres d'outro mundo.

E na verdade o estou : pena minh'alma  
Nas sombras da amargura..  
Homens ! fugi de mim ; não vos pertenco —  
Sou outra creatura.

---

# O GENIO E A MORTE.



## I.

Sobre as azas de fogo  
Da aguilha ardente que no espaço vòã,  
Saudado pelo cantico das aves,  
De flôres perfumado,  
Entre nuvens de purpura — risonho  
Nos céos assoma o dia.  
O exercito dos astros afugentão  
Seus coruscantes raios ;  
E passeia garboso pelo espaço,  
Como triumphador pela campina,  
D'onde expulsara as hostes inimigas.  
Lá do meio da arena do triumpho,  
Como um olho de Deos devassa o mundo :  
As plantas que a manhã de vida enchêra,  
Com seu intenso ardor, barbaro cresta —  
Qual joven indiscreto, em loucos dias  
De volcanica idade,  
No coração desseca, mata, extingue  
Sentimentos, que a infancia alimentar.

Da gloria ao gráo supremo  
Subiste, ó rei ; humilha-te — vassallo  
Tambem és do Senhor — descer te cumpre.  
Eil-o que abdicou — Já vai tardio  
Pela estrada do occaso, e já tristonha  
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma !  
Sobre leito de chumbo se reclina, —  
E, no momento extremo ,  
Seus olhos chammejantes  
Extremo olhar saudoso á terra volvem.  
Ultimo arranco !..... Cai desfallecido  
Nos braços do crepusculo,  
Morreu o dia ; — e a noite piedosa  
Em seu manto de dó lhe envolve o tumulo.

## II.

Que é feito, ó Primavera,  
Das frescas odoríferas grinaldas  
Que a fronte te adornavam ?  
Murchas caíram ; jazem esmagadas  
Aos pés de gelo do caduco Inverno!  
Os pomos sazoados,  
Que pendiam das arvores frondosas,  
Orgulho e pompa dos alegres prados,  
Eil-os dispersos pelo chão molhado  
Do pranto que em tristeza o céu derrama,  
Ao vêr-lhe a fronte merencoria e pallida,  
Debruçada do cume das montanhas,

Com lagrimas saudar do sol os raios,  
Qual misero vivente, a quem torturam

As galas da alegria.

Beijada pelos zephyros — c'roada  
De viçosas capellas, — pelos bosques,  
Jardins, e prados, e alcantis dos montes,  
Eu a vi passeiar ; — vi toda a terra  
De flores se cobrir, trajar verduras,

Ao toque de seus passos ;

Vi... mas mudou-se da estação ridente  
O quadro encantador — e já bramidos  
Dos desatados temporaes proclamam —  
Que é morta a Primavera.

### III.

Morrem as estações, morrem os tempos !  
Morrem os dias, como as noites morrem :

Tambem acaba o homem —

E o Anjo do exterminio, desdenhoso,  
Encara estultas pompas, que distinguem  
O servo do senhor, o rei dos povos ;  
E fazendo correr-lhes pelas fronte  
A rasoira da morte, traça o nivel,

Que cabe aos homens todos.

Tudo no mundo expira :

Só sobranceiro á lousa o Genio altivo  
Nos vãos acompanha a eternidade !  
Soberbo em seu poder persegue a morte,

E consegue vence-la  
Mil victimas lhe arranca,  
E da immortalidade nos altares  
As mostra coroadas.  
Em vão do manto esqualido  
A barbara saçode o voraz verme  
No cadaver do sabio ;  
Em vão as frias cinzas lhe arremessa  
Nos abysmos do olvido ;  
Lá desce o Genio intrepido,  
E, ao lume da lanterna da memoria,  
Ajunta as cinzas, sopra o fogo sancto  
Da sancta poesia,  
O sabio resuscita e pasma o mundo !

IV.

Belleza, doce engano,  
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba ;  
Encantadora nuvem, mas ephemera,  
Que da côr do pudor n'os céus vagueia,  
Qual suspiro de amor que aos céus se eleva ;  
Beijada pelo sol, timida aurora,  
Tambem fenecerás !... Trevas do tumulo  
Aos lumes da existencia  
Succederão funerea's ;  
Serão consocios teus mudo silencio,  
Sombras, escuridão, vermes, e terra.  
Lêstes, bellas ? Tremeis ? Magos encantos  
Baceia a mão do tempo, arrasa a campa ;

Porém do Genio á voz—curva-se o tempo ;  
Quebra o sepulchro a lage aos pés do Genio.  
Não !... de todo não morre uma belleza  
De um Genio idolatrada ;  
Que a luz brilhante, que lhe anima os carnes,  
O lusente phanal, que o illumina  
Nas borrascas da vida,  
Jamais, jamais se apaga.

V.

Cidades destruídas,  
Imperios derrocados,  
Oh ! quantas, quantas vezes  
O Genio, qual brandão, vos esclarece  
As pallidas ruinas,  
Lê n'ellas vossa gloria, e vos confia  
A's trombêtas da fama !...  
Si foge a tempestade  
Si as estações revivem,  
Si as noites reproduzem novos dias,  
E os dias novas noites,  
Servos obedecendo, a voz do Eterno,  
Mensageiro do eterno o Genio exerce  
Igual poder na terra !... A Natureza,  
No meio das porcellas,  
Si a voz lhe escuta, abandonando as furias,  
Dissipando de um sôpro atros horrores,  
Surge risonha, como, á voz divina,  
Sahiu do Cahos informe, — encantadora,

Toda nua, trazendo por adornos  
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono :  
Nos cabellos prendendo á primavera,  
Por chapim de cristal calçando o Inverno.  
Do Genio ouvindo o canto,  
Remoção-sé as edades ,  
Os mortos dos sepulchros se levantão,  
E vivem nova vida  
Dos homens na memoria.

VI.

O' Anjo das ruinas,  
Vôa ao teu reino , que é tarefa inutil  
Extinguir o que é bello no universo,  
Em quanto o lume sancto  
D'inspiração celeste  
Mentes illuminar predestinadas.  
Aos sons miraculosos  
-D'harpa do Genio resurgindo ovantes  
O saber, a virtude,  
Meigos encantos de gentil belleza,  
Hão de zombar de ti—quebrar-te o solio,  
Calcar-te aos pés a fronte.

VII.

Como o gemer de vaga, que se quebra  
No sopé do rochedo ;

Como rebombo de trovão, que rola  
Pelos longes do espaço,  
Ou echo de clarim perdido em ermos,  
Do Genio a voz echôa no infinito,  
E, por ella acordada,  
O semblante solemne  
Ergue para sauda-lo a Eternidade.  
Lá sôa o bronze, solfejando a nota  
Da alprecata da morte sobre as campas.  
O sol está no occaso ! ! !  
O Genio ancioso espera  
O signal de seu vôo ao ser Supremo.  
Vede-lhe o pensamento : — é uma lyra,  
Donde os dedos da Fé extrahem dextros  
Melifluos sons divinos —  
São os salmos do Genio agonisante :  
E a ultima das notas é sua alma,  
Que se perde no céu ! — De lá ó morte,  
Surrindo a teu poder te desafia  
Pelo raio divino armada a dextra,  
Dos céos abraquelado ;  
Em quanto cá na terra,  
Sarcasmo ao teu poder, seu nome trôa,  
Como um brado de gloria, enchendo o mundo.

---

# NO ALBUM D'UMA SENHORA.

1720



1720

1720

Meu nome aqui deixára solitario  
    Escrepto n'essa côr  
Com que desde nascido as phaxas d'alma  
    Tingiu-me o dissabor ;

Meu nome aqui deixára solitario  
    Em traço negro incerto ,  
Qual frizo do buril da desventura  
    Em claro plano aberto ;

A não temer que alguém, que não soubesse  
    O que este nome diz,  
Ao vel-o neste livro me insultasse  
    Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o ler, que de uma Virgem  
    No livro afortunado  
Seu nome escuro, como seu destino,  
    Escreve um desgraçado !

Sobre elle verta a Virgem uma lagrima  
Do seu pranto celeste,  
Que talvez se desbotem os negrumes  
Do lucto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,  
Concede, sim, concede  
Uma lagrima triste ao pobre nome  
Que lagrimas só pede !

De teus olhos quizera uma centelha  
Um peito de volcão ;  
Ao contrario, porém, só pede pranto  
Um morto coração !

O sol illumina, a galla offende  
Ao solo mortuario :  
Só sobresaem os crystaes do pranto  
Dos mortos no sudario.

Eia, pois, cahir deixa neste nome  
O teu pranto celeste ;  
Que talvez se desbotem os negrumes  
Do lucto que o reveste.



# ESTRAGOS DE AMOR.

•



## I.

Miseraveis insensatos,  
Escravos da formosura ,  
Curvados a seu aceno ,  
Buscaes vida no veneno  
Que vos leva á sepultura !

## II.

Nos seus braços reclinados,  
Beijando em ternos carinhos  
Divinas faces mimosas,  
Libaes o nectar das rosas  
Sem reparar nos capinhos !

## III.

« Oh ! loucos, vêde a verdade ?  
« Conhecei essa illusão,  
« Porque viveis seduzidos ?  
Embalde contra os sentidos  
Afflicta brada a razão !...

IV.

Nada alcança ; tudo cede  
Ao amoroso desmaio —  
Lumiando o par gentil,  
Brilha amor como um fuzil,  
Mas ao fuzil segue o raio.

V.

Lá do monte da esperança  
Cresta o fogo as verdes fraldas ;  
E de quanto possuía,  
Só conserva a fantasia  
Sêccas, dispersas grinaldas.

VI.

Suspeitas, tirannas serpes,  
N'os peitos cravando os dentes,  
Com seu sangue se alimentam :  
Das chagas chammas rebentam,  
Das chammas novas serpentes.

VII.

Em furor, e desespero  
Começa o triste a chorar,  
Vendo a estrada que seguiu ;  
Morde o laço em que cahiu,  
Mas não pôde-o desatar !...

VIII.

A razão para vingar-se,  
Mais augmenta o seu flagicio ,  
Com semblante inexoravel,  
Muda, surda, imperturbavel  
Assistindo ao sacrificio.

IX.

Tudo é dor, tudo agonia,  
E queixumes contra o fado ;  
Suspiros, e pranto ardente ,  
Desespêro no presente ,  
Saudades pelo passado !..

X.

Té que vae desabrochando,  
Pelo pranto d'afflicção  
Regada continuamente —  
Do desengano a semente  
Nas cinzas do coração.

XI.

Ergue a planta a fronte altiva,  
Mas de tristonha apparencia :  
Folhas, tronco é toda lucto,  
Tem mirrado, raro fructo :  
Esse fructo — é exp'riencia. —

## XII.

Das ruínas levantado,  
Vê-se o espirito surgir ;  
Vem com passo fatigado,  
Como guerreiro cançado  
A' sua sombra dormir.

## XIII.

Presto accorda, e então, cedendo  
Da fome aos crueis assomos,  
Alguns ramos segurando,  
Vae colhendo, é vae tragando  
Os amargos negros pomos.

## XIV.

Comeu, ergueu-se, é já outro !  
Foi-se do rosto a meiguice !  
Do tronco um ramo quebrado  
Serve ao triste de cajado —  
Eis a imagem da velhice.

## XV

Está tudo terminado !  
Está completa a sentença !  
Aos fogos succedem gelos,  
Que annunção nos cabellos  
A idade da indifferença !

## XVI.

Lá vae o velho mesquinho,  
Lá vae, desacompanhado,  
O caminho da existência,  
Nutrido pela exp'riencia,  
Ao desengano arrimado.

## XVII.

Só seus pés tocão na terra,  
Os olhos do ceo na luz,  
Entregue á culto profundo,  
Lá vae fugindo do mundo,  
Cair nos braços da Cruz.

## XVIII.

Lá expira... mas dizei-lhe —  
Amor ! Vereis n'um transporte  
Como seus olhos scintillão ;  
Como à um tempo se anniquillão  
Todas as forças da morte ! !....

## XIV:

E' que amor inexoravel  
Nos seus planos iracundos,  
Si os mortaes torna captivos,  
Nem minora o mal dos vivos,  
Nem respeita os moribundos.

**XX.**

Restaura as forças da vida,  
Não nos consente morrer ;  
Porque lá nas sepulturas  
Seus tormentos e torturas  
Não se pode padecer. /

**XXI.**

Envenenados farpões  
Nos manda em suspiros ternos ;  
Cinge aos olhos mago véo,  
E pelos jardins do Céu  
Nos encaminha ao inferno.

**XXII.**

Fugi, humanos !... fugi  
De seu veneno traídor !  
Sem culto, desamparados  
Sumão-se, ao tempo votados,  
Altars, templos de Amor....



# A MINHA RESOLUÇÃO.



O que fazes, ó minh'alma ?  
Coração, porque te agitas ?  
Coração, porque palpitas ?  
Porque palpitas em vão ?  
Si aquelle que tanto adoras,  
Te despresa, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato ;  
Busca outro coração !

Corre o ribeiro suaye  
Pela terra brandamente,  
Se o plano condescendente  
D'elle se deixa regar ;  
Mas, si encontra algum tropeço  
Que o leve curso lhe prive,  
Busca logo outro declive,  
Vae correr n'outro lugar.

Segue o exemplo das aguas,  
Coração, porque te agitas ?  
Coração, porque palpitas ?

Porque palpitas em vão ?  
Se aquelle, que tanto adoras,  
Te despresa, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato,  
Busca outro coração !

Nasce a planta, a planta cresce,  
Vae contente vegetando,  
Só por onde vae achando  
Terra propria à seu viver ;  
Mas se acaso a terra esteril  
A's raizes lhe é veneno,  
Ella vae n'outro terreno  
As raizes esconder,

Segue o exemplo da planta,  
Coração, porque te agitas ?  
Coração, porque palpitas ?  
Porque palpitas em vão ?  
Si aquelle, que tanto adoras,  
Te despresa, como ingrato,  
Coração, sê mais sensato,  
Busca outro coração !

Saiba a ingrata que punir  
Tambem sei tamanho agravo :  
Si me trata como escravo,  
Mostrarei que sou senhor ;  
Como as aguas, como a planta,

Fugirei d'essa homicida ;  
Quero dar à um'alma fida  
Minha vida e meu amor.



## A LINGUAGEM DOS TRISTES.



Si houver um ente, que sorvido tenha  
Gôta a gôta o veneno da amargura ;  
Que nem nos horisontes da esperança  
Veja raiar-lhe um dia de ventura ;

Si houver um ente, que dos homens certo,  
N'elles espere certa a falsidade ;  
Que veja um laço vil n'um rir de amores,  
Uma traição nos mimos da amisade ;

Si houver um ente, que votado ás dores,  
Todo com a tristesa desposado,  
De crueis desenganos só nutrido,  
Somente males esperar do fado ;

Que venha acompanhar-me na agonia,  
Q'esta min'alma, sem cessar, traspassa !  
Venha, q'ha muito lucto, a ver se encontro  
Quem sinta, como eu, tanta desgraça!

Venha sim ; que talvez por nosso trato  
Uma nova linguagem seja urdida,  
Em que possão fallar-se os desgraçados,  
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexoravel do destino,  
Quem gemer a desgraça condemnado,  
Inda lidando no lidar do mundo,  
Hade viver do mundo desterrado.

E em que desterro !... Os outros só nos tirão  
Os olhos do lugar do nascimento ;  
A desgraça, porém, do mundo inteiro  
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem d'este exílio  
Mais supportavel torne a vida crua ;  
Tenha ao menos a terra da desgraça  
Uma linguagem propriamente sua.

E quem tel-a melhor ? Por mais que falle  
O seductor praser em phrase ardente ;  
Por mais que se perfume e se floreie,  
Nunca é, como a dor, tão eloquente.

Nos phenomenos d'alma o corpo sempre  
Do seu modo de obrar diversifica ;  
Pelas quebras da organica fraqueza  
A força esp'ritual se multiplica.

Quando livre, o esp'rito aos céos remonta,  
Da Eternidade demandando o norte,  
Toda força priméva recobrando —  
Tomba a materia, e cae nas mãos da morte !

Quando o gaz do prazer dilata o seio,  
A força do sentir dormente acalma ;  
Quando a prensa da dor o seio aperta,  
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas phrases  
Nova linguagem pede o soffrimento ;  
Porque dobra o sentir, e duplas azas  
P'ra vòos duplos colhe o pensamento ;

Não, não póde em seus termos quasi inertes,  
Esse fallar commum de cada dia,  
D'este duplo sentir, d'idéas duplas  
Exprimir fielmente a valentia.

Engãis-vos, ditosos ! Vossas fallas,  
Annos que fallem, nunca dizem tanto,  
Quanto n'um só momento dizer póde  
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes ! eia !... desde agora  
Uma nova linguagem seja urdida,  
Em que possão fallar-se os desgraçados,  
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gosos egoista,  
Q'os tristes nada teem de suas lavras :  
Que orgulhosos na patria da desdita,  
Nem dos ditosos querem as palávras.



# AOS ANNOS

DO MEU PRESADO AMIGO

## JOSÉ PEDREIRA FRANÇA.



Um dia natalicio em quantas faces  
Se póde desenhar !  
Que scenas de prazer e de pesares  
Nos póde retratar !

Annel d'oiro, ou de ferro, annel q'estala,  
Na cadeia da vida ;  
Marco de legoa pela morte ganha,  
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa  
Onde outra terminou ;  
Berço de um tempo, mas também sepulchro  
De um tempo que passou !

Porém porque razão sempre festivo  
Se mostra o rosto seu ? —  
Porque o anno que nasce, esquecer deixa  
O anno que morreu :

Porque enquanto na estrada da existencia  
A humanidade avança,  
Deixa sempre olvidar os desenganos  
Co'os olhos na esperanza.

Mas o tempo que corre desta sorte  
P'ra todos os humanos,  
Oh ! Pedreira feliz ! — mudou de aspecto  
No curso de teus annos.

O tempo, que se passa inertemente,  
Tem vida transitoria ;  
Mas o tempo contado por virtudes  
Tem sempre eterna gloria.

Não serão pois cobertos os teus annos  
Do olvido pelo véo :  
Quando morrão na mente dos ingratos,  
Com Deos serão no Céu.

Não tens aureos brazões por habil dextra  
Com arte burilados ;  
Não cinges toga illustre, nem tens nome  
No rol dos purpurados ;

Porém, sem as virtudes q' em tu'alma  
Existem engastadas,  
São titulos, brazões, fama, riquezas  
Misérias enfeitadas.

São flores sem aroma, e cujo viço  
Ephemero não dura ;  
Phosphoricos phanaes que a sorte acende  
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante  
O Céu — e o Céu propicio  
Não deixe a menor nuvem de desgosto  
Turvar teu natalicio —

Taes são os votos meus, nunca inspirados  
Por vil adulação ;  
Quando minh'alma os escreveu, a penna  
Molhou no coração.

Taes são os votos meus na voz expressos,  
De frouxa poesia,  
Que verte a lyra pouco acostumada  
Aos hymnos d'alegria ;

Filha de um estro fraco e perseguido  
Por fado sem piedade,  
Vagando peregrino em terra estranha  
Nos êrmos da saudade.

II.

Mais inda que a sorte  
Um estro me desse,  
Que aos astros pudesse  
Teu nome elevar ;  
Em quanto vir triste  
Com dores pungentes  
A patria em correntes,  
Não posso cantar.

Não posso cantar,  
Emquanto vir bravos  
Rojar como escravos  
Infame grilhão ;  
Curvando a sicarios  
A fronte sublime !  
Submissos, sem crime,  
Pedindo perdão !

Não posso cantar,  
Emquanto um malvado  
Poder infamado,  
Audaz, sem pudor,  
Com seu bafo infecta  
Brasilio horizonte  
Trazendo na fronte  
— Prevaricador — ;

Emquanto essa gente,  
Tão implia e tão vil,  
Meu claro Brazil  
Podér governar ;  
Co'a patria inundada  
De luto e de pranto,  
Não posso ter canto,  
Não posso cantar.

Porem, si algum dia  
O fero dominio  
Do impio exterminio  
Tiver de morrer ;  
Si o povo, esquecido  
De loucos enganoso,  
Um dia os tirannos  
Quizer abater ;

Si um dia, cançada  
De tanta maldade,  
Soltar Liberdade  
Seus raios da mão ,  
E os sceptros pesados  
Dos reis fementidos,  
Por elles fundidos,  
Rolarem no chão ;

E as nossas campinas  
E prados virentes,

E os céos, de contentes,  
Trajados de azul,  
Ouvirem os hymnos  
Da livre cohorte  
Da parte do Norte,  
Da parte do Sul;

E os grandes Andradas,  
Canecas, Machados,  
E mais nomeados  
Por alto valor,  
De lá do Empyreo  
Taes cantos ouvindo,  
Saudarem, se rindo,  
Seu povo senhor ;

Então minha lyra,  
Coberta de flores,  
Já livre louvores  
Podendo entoar,  
Aos doces encantos  
Da quadra formosa  
Virá sonora  
Teus annos cantar.



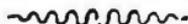
# EPICEDIO À MORTE

DO DOUTOR

**José de Assis Alves Branco Muniz Barreto,**

e offerecido ao Illm. Sr.

**Dr. LUIZ MARIA A. F. MUNIZ BARRETO.**



## I.

Morreu, enfim, morreu ! Aquelle Genio  
Para quem pareceu pequeno o mundo,  
Por milagre da Morte limitou-se  
A' um pedaço de terra ! Ali com elle  
Ricos thesouros de um futuro immenso ,  
De mil triumphos avultadas palmas,  
De gloria mil corôas , tudo encerra  
Aquelle estreito chão no seio estreito !  
São um mysterio as dimensões de um tum'lo !!

II.

Morreu ! Aquella magica trombeta  
Que das leis em-defesa trovejando,  
Fez tremer e tingiu da côr do medo  
De protervos mandões soberbas fronte,  
Jaz por terra calada ! Aquella boca  
Que em turbilhões sonoros de eloquencia  
Raios vibrava, gelida mordança  
Para sempre fechou ! O caudal rio  
Que no curso afanoso promettia  
Tanta fertilidade ao patrio solo,  
Secca total sorveu ! Porque, ó Patria,  
Não pôde o pranto teu de novo encher-o ?  
Porque não pôde fervido cahindo  
Sobre a fatal mordança derretel-a,  
E de novo accordar da tuba as vozes ?  
As entranhas da morte são de pedra ;  
Coração jámais teve a hydra ímpia ;  
Carnes humanas come, bebe lagrimas ;  
Só respira suspiros dolorosos  
E ais agonisantes : commovel-a  
Não pôde a tua dôr, afflicta Patria !  
Has de vel-a dormindo aos echos della,  
E o monstro rir-se de prazer cruento  
Ao vêr o pranto teu banhar-lhe o sólio.  
Mas não te desesperes, Mãe querida,  
Ha nos cofres da dôr certos segredos  
Que os miseros só sabem. São amigos,

Amigos bem fleis da magoa os filhos :  
Um gemido consola outro gemido,  
Uma lagrima outra. Desde o berço  
Para eterno chorar n'alma cavou-me  
Da desgraça o punhal fontes de pranto,  
Que de Assis pela morte transbordarão.  
Patria ! seremos socios na amargura.  
Baga com baga juntas, nossas lagrimas —  
Crystalina torrente de saudades —  
Unidas regarão do Heróe a campa.

### III.

Fatal presentimento deste golpe  
Tres vezes tive ; adivinhei tres vezes  
Do sabio moço a prematura morte !

### IV.

Eu o vi inda imberbe n'um combate  
Desses em que são almas — combatentes,  
E a intelligencia — espada : os sacros fóros  
Da sciencia da vida defendia,  
Dando vida á sciencia. Extasiado,  
Qual uma ave rasteira que contempla  
Condor gigante, que nos vôos roça  
No semblante do sol soberbas azas,  
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente,  
E concentrado em mim, disse commigo : —  
*Não póde viver muito !*

V.

Correm tempos :

Para o campo da imprensa denodado —  
Se arroja o lidador. D'enthusiasmo  
Acceso e de prazer, banhei minh'alma  
Na luz dos seus escriptos. Cada linha  
Que delles lia attento me mostrava.  
Uma estrada de gloria ao novo Genio !  
Cada palavra sua era uma pégada  
Do progresso a correr, e cada syllaba  
De patriotismo ardente uma sentelha  
Que do saber ao sopro scintillava.  
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven :  
E concentrado, disse commigo : —  
*Não póde viver muito !*

VI.

Na Tribuna,

Promettendo um Demosthenes futuro,  
O joven apparece ; e vi o povo  
Immenso, pastmo, immovel, todo ouvidos  
A' ve-lo combater, e Paladinos  
Formidaveis cahindo aos golpes d'elle !  
Vi sobr'elle lançando olhares torvos,  
Tremulos d'ira, os Amicos ralarem-se,  
Quando um sarcasmo seu rapido e fino,  
Voando n'um motejo improvisado  
Do leve sulco de um sorriso ironico

Nos corações de orgulho entumecidos  
Lhes mastigava as fibras da vaidade.  
Vi, e vi muitas vezes, confundidos  
Ante o moço orador os Mandatarlos  
Do despotismo, quando pretendião  
Seus golpes rebater, presas as linguas,  
Desparatado o curso das idéas,  
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes  
O vergonhoso culto do silencio.  
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven !  
E concentrando em mim, disse commigo : —  
*Não pôde viver muito !*

## VII.

Um *quê* bem certo  
Para tanto dizer razão me dava.  
Todo o sublime para o Céu deriva :  
Era muito pequeno um craneo humano  
Para tal pensamento. De seus vãos  
Ao forte embate, as molas da materia  
Estalão cedo, quando o genio é grande.

## VII.

A fatál prophécia está completa !  
O prisma que tres faces tão brilhantes  
Ao sol do novo mundo apresentava,  
Despedaçado está, ou reflectindo  
Cores da eternidade á luz das campas !

IX.

Morreu l... porém na hora derradeira,  
Inda resplandeceu ! O homem justo  
Entre as vascas do eterno passamento,  
Em ancias e fadigas se attribula,  
Mas no momento de deixar a terra,  
Para voar a Deos forças recobra,  
E como astro da fé no céu da morte,  
Qual em vida luziu, luzindo acaba.  
E' como a luz que triste bruxolêa  
Prestes a se apagar, mas no lampejo  
Da convulsão final aviva o lume,  
E com dobrado resplendor expira.  
E' como o sol no occaso enlanguecido,  
Que desmaiado arqueja agonisante  
Do mar nas ondas apagando os raios,  
Mas que activo e zeloso de seus fóros,  
P'ra morrer como o sol, antes que morra  
Com duplicada luz alaga o mundo.  
Assis assim morreu. Na ancia extrema  
Da mortal agonia, toda inteira  
Su'alma concentrada n'um só ponto  
Para da carne disparar seu vôo  
Luz celeste expandiu ; ao clarão della  
O mundo appareceu-lhe como um doudo  
Enfeitado, brincando co'as alfaias ;  
Sorriu-se, despresou-o, e sen desprezo  
Todo se traduziu nessa sentença,

Com que sabio fechou, morrendo sabio,  
O livro d'ouro da existencia sua.

### X.

O amor paternal, da esposa o pranto  
Tambem dos olhos pranto lhe arrancarão...  
Mas nunca tocar pôde o desespero,  
De leve nem se quer, naquelle pelto  
Ungido em fé christã. Da Providencia  
Viu as mãos postas sobre as fronte de ambos—  
E creu e resignou-se.

### XI.

Esses fantasmas,  
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,  
Que na hora final o impio cercão,  
Soffregos, como abutres esfaimados  
Farejando-lhe o leito, o leito d'elle  
Nem ousarão fitar ; visões celestes  
Nas madornas da morte o embalavão.

### XII.

Quebradas as cadêas que a prendião,  
Livre, das penas sacudiu o barro,  
E em leve adejo penetrou sua alma  
As aurcas portas da cidade eterna

Entre applausos risonha ; e o seu archanjo,  
Ao dar conta ao Senhor da missão alta  
De o guardar sobre a terra, as niveas azas  
Mostrou tão limpas, quaes do céo trouxera.

### XIII.

Chora, ó patria, lamenta a infausta perda ;  
Mas consola-te ao menos com lembrar-te  
Que teu filho desceu sem mancha ao tumulo.  
Morreu !... mas grande foi. Da liberdade  
Filho amante nasceu ; della soldado  
Morreu firme em seu posto. Da sciencia  
Candidato fiel, morreu philosopho.  
Era uma planta de primor nascida  
Em campo esteril, pedregoso e immundo ;  
Mas tão cheia de vida, q'inda nova  
E em terreno tão máu, brotava aos centos  
Do tronco verde vigorosos ramos ;  
Ramos cobertos de formosas flôres,  
E curvados de fructos. Encantado,  
De a ver assim tão bella, o Rei Celeste,  
Antes que envenenada percesse  
No sólo ingrato, transplantou-a em breve  
Para os pomares seus.

### XIV.

Patria, teu chôro,  
Merecem mais, que o morto, os filhos vivos.

Ai ! tristes dessas plantas que ficarão  
No campo esteril, pedregoso e ~~hum~~ mundo !  
Pela má região contaminados,  
Raça denegerada os dias contão  
Por ampolhetas grávidas de crimes.  
Começa a punição. Esse do Egypto  
Anjo exterminador está comnosco ;  
Cada dia, um a um, nos vai ceifando  
Da liberdade os filhos primogenitos.  
Assim a espada da justiça eterna  
Invisível nos fere, inopinada.  
Assim os tectos da cidade impia,  
Do Senhor pela ira arremessado,  
Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,  
O raio punidor fulmina e abate.



# SOBRE O TUMULO DO MARECHAL PEDRO LABATUT.



## I.

Eis as scenas do mundo ! A mesma liça  
Que o viu pela victoria laureado,  
Donde nos brados dos canhões accêsos  
Da gloria aos penetraes mandou seu nome,  
Veio, (Grandes ouvi !) pedir, mendigo,  
Uma esmola de terra !!

## II.

E quem o fez mendigo, sepultura  
Estrangeira buscar ? ! Não cerra França  
Aos mortos filhos seus braços maternos !  
Mas não é outra a patria do soldado  
Que o campo do triumpho, e esta terra  
Barateou seu sangue p'ra compra-la.

III.

Foi elle neste campo o mestre e o guia  
De uma raça de heroes em cujas veias  
Fervia com o sangue o amor da Patria !  
Aqui, por sobre as fronte inlmigas  
    Passando como um raio  
Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,  
    Os servos fulminando,  
Sua espada de bravo a um bravo povo  
O oriente mostron da liberdade.  
    Aqui viu esse povo  
Decedido no empenho de ganha-la,  
Como um leão bramindo engolir chammas,  
E vomitar na frente do tyranno  
    Que tentava enfreal-o !  
    Aqui o viu c'roado  
    De civicas verbenas  
    Com as cadeias fundidas  
    No fogo do combate  
O craneo esmigalhar do despotismo :  
E a orda escrava que servia o monstro  
Fugitiva a correr, lançar-se ás ondas,  
Ou cair tropeçando nas espadas.  
Sentado em sua tenda de guerreiro  
Aqui nos braços recebeu do amigo  
    Os parabens alegres  
Que rindo repartiu com seus soldados,  
E descansou, dormindo aos sons festivos

Dos hynnos marciaes, que aos Céos levavão  
Entre vivas seu nome. Aqui... Não sinzas  
Aqui, perante os netos generosos  
Que gratos hoje vem dar-vos seus cultos,  
Da traição dos avós não fallaremos.  
Do christão sobre a campa a caridade  
Com letras immortaes perdão escreve : —  
Perdão para os ingratos !!!

IV.

Neste campo

Em que se lhe marcou n'um ponto mixto  
Seu occaso e nascente, ressumio-se  
A sua vida inteira. Mais que a França  
Foste-lhe Pirajá : a França apenas  
Deu-lhe a luz da existencia, e tu lhe déste  
A immortalidade !

V.

E sempre grato

Te foi o teu heroe. Nas densas trevas  
Da immensa eternidade a porta incerta  
Da morte tateando, não perdia  
De vista o Pirajá. « Amados Campos  
« Do meu melhor passado : » soluçando  
Com voz fraca exclamou, « solo onde as palmas  
« Colhi, que tão sedento cubiçava  
« Nos meos sonhos de gloria, lá deixei-vos

« A minha alma plantada ! Ah ! quem me dera,  
Quando ella se partir, que mão amiga

« Lá plante o meu cadaver ! »

Felizmente esta prece foi gravada  
N'um coração de ouro. Quem é elle ?  
Quereis dizer seu nome ? — nomeai-o,  
Mil tit'los lhe juntai : quanto ao poeta  
Basta chamal-o — amigo.

## VI.

Saptisfez-se

A vontade final do moribundo.  
Dormir veio o soldado o somno eterno  
A' sombra de seus louros.

## VII.

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,  
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas !  
Eis vosso General !! Mortos soldados  
Que sem campas errais, das audrajosas  
Fardas que vos serviram de mortalha  
A terra sacudi ! vinde postar-vos  
Aqui em continencia ante seus manes !  
Veteranos da nossa independencia !  
Braços cortados do possante corpo  
Que o throno levantou da liberdade,  
Vinde, vinde, verter sobre esta pedra  
Uma lagrima, vinde ! Enfeita o pranto

Um semblante tostado nos combates,  
Quando é vertido assim.

Povo, si és grato,  
Só te não saptisfaças com trazel-o,  
Dentro em teu coração leva este tumulto.



# ADEUS AO MUNDO.



## I.

Já do batel da vida  
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :  
E perto avisto o porto  
Immenso nebuloso, e sempre nocte,  
Chamado — Eternidade !  
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas  
Não tem de mais a aurora ! !  
Como requinta o brilho a luz dos astros !  
Como são recedentes os aromas  
Que se exhalam das flores ! Que harmonia  
Não se desfructa no cantar das aves,  
No embater do mar, e das cascatas,  
No sussurrar dos limpidos ribeiros,  
Na natureza inteira, quando os olhos  
Do moribundo, quasi extinctos, bebem  
Seus ultimos encantos !

II.

Quando eu guardava, ao menos na esperança,  
Para o dia seguinte o sol de um dia,  
De uma noite o luar para outras noites ;  
Quando contava durar mais que um prado,  
Mais que o mar, que á cascata erguer meu canto,  
E murmurar-o n'um jardim de amores ;  
Quando julgava a natureza minha,  
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :  
Cedo de vermes rojarei ludibrió,  
E vida alardearão fracos arbustos  
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,  
O inverno, o verão, a primavera,  
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,  
A' rir-se passarão sobre meus ossos !  
Não importa : não é perder o mundo,  
O que me azeda os pallidos instantes,  
Que conto por gemidos. Meu tormento,  
Minha dôr é morrer longe da patria,  
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro !

III.

Quando da patria me ausentei, não tinha  
Nada, que lhes deixar, que lhes dicesse  
O que erão elles dentro de minli'alma.  
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,  
Deu-me quatro sementes de saudade ;  
Ao meu jardim domestico levei-as,

Cavei, reguei a terra com meu pranto,  
E plantei as saudades. Soluçando  
Chamei ali os meus : « Aqui vos deixo  
(Disse apontado á plantação) « em flores  
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo  
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,  
« Riquezas, não, não tem, porém na terra  
« Esteril não será. » Ondas de pranto  
Affogarão-me a voz : houve silencio ;  
Palpei de novo o chão ; vi que de novo  
Cavado estava ! A terra se affundára  
E as sementes nadavão sobre lagrimas,  
Que minha mãe e minha irmã choravão !...  
Replantei-as, orei, beijei a terra,  
E parti,... Trouxe d'alma só metade,  
E o coração?... deixei-o n'um abraço.

IV.

Certo estou de que a planta já crescida  
Terá brotado flor. Si ao menos dado  
Me fosse colher uma... ver a terra  
Pelo pranto dos meus sanctificada !...  
Si uma dessas saudades enfeitar-me  
Viesse a minha eça, ou meu sudario,  
Ou pela mão materna transplantada,  
Encravar-me as raizes no sepulchro !...  
E' tão pouco, meu Deus ! !... Eu não vos peço  
Soberbo mausuléo, estatua augusta

De tumulto de rei. Assaz desprezo  
Esses gigantes de oiro  
Com entranhas de pó. Mortalha escassa  
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;  
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,  
E as minhas saudades, e entre ellas  
Uma cruz com os braços bem abertos  
Qui peça á todos preces. Terra, terra  
Perto dos meus e no torrão da patria,  
E' só quanto suplico.

V.

A morte é dura,  
Porem longe da patria é dupla a morte.  
Desgraçado do misero, que expira  
Longe dos seus, que molha a lingua, secca  
Pelo fogo da febre, em caldo extranho ;  
Que vigalias de amor não tem consigo,  
Nem palavras amigas que lhe adoçam  
O tedio dos remedios, nem um seio,  
Uu seio palpitante de cuidados  
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam  
N'esse momento acerbo indifferentes  
Olhos sem pranto ; que na mão gelada  
Sente a macia dextra d'amisade  
N'um aperto de dôr prende-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema  
De desvelada irmã piedoso lenço,  
Humido de saudades vem limpar-lhe  
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,  
Ensinada por ella, e beijar pode  
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo  
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria  
Tenha de me finar !... Ramo perdido  
Do tronco que o gerou, e arremessado  
Por mão de Genio máo á plaga alheia,  
Mirrarei esquecido ! Os céus o querem,  
Os Céus são immutaveis : aos decretos  
Do Senhor curvarei a fronte humilde,  
Como christão que sou. Eternidade,  
Recebe-me á teu bordo !.. Adeus ó mundo !

## VI.

Já sinto da geada dos sepulchros  
O pavoroso frio enregelar-me...  
A campa vejo aberta, e lá do fundo  
Um esquelêto em pé vejo em acenar-me...

Entremos. Deve haver n'estes logares  
Mudança grave na mundana sorte :  
Quem sempre a morte achou no lar da vida,  
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!...  
Adeus terra, adeus mares, adeus ceus!...  
Adeus, que vou viagem de finados...  
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol, que, amigo illuminaste  
Meu pobre berço com os raios teus!...  
Illumina-me agora a sepultura:—  
Adeus, meu sol, adeus!

Floresinhas, que quando era menino,  
Tanto servistes aos brinquedos meus,  
Vegetai, vegetai-me sobre a campa:—  
Adeus, flores, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,  
Da madrugada alígeros orpheus,  
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde:  
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!...  
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus!...  
Adeus, que vou viagem de finados...  
Adeus!... adeus!... adeus!



# **A MINHA VIDA.**

AO MEU AMIGO E COLLEGA

**A. J. RODRIGUES DA COSTA. \***



## I.

Este mundo é-me um deserto  
Por onde um vulcão passou,  
E gravada a minha historia  
Em traços negros deixou.

São-lhes tectos bronzeados  
Escuros medonhos céus,  
Onde bramão tempestades  
Em continuos escarcéos.

Só, por elle vai manh'alma,  
Nos destroços tropeçando  
Com passo tardio e incerto  
Tristemente caminhando.

\* A esta trova devem os meus leitores os seguintes versos do meu amigo, unica poesia verdadeira que ahí vai neste volume de prosa metrificada.

Marcha... marcha... enfim cansada  
De tão longo caminhar.  
N'alguma pedra que encontra  
Descança e põe-se a chorar.

Olha o Ceu.. nem uma estrella!  
Olha a terra... é negro chão !  
Clama em brados por soccorro,  
Só responde o furacão !

Nos olhos sécca-lhe o pranto....  
Continúa a caminhar,  
E n'outra pedra distante  
Descança, e põe-se a chorar.

## II.

E' triste o seu fadario ; mas ao menos  
Oh balsamo do Ceu, piedosas lagrimas!  
Dá infellz perigrina a dôr pungente  
Um pouco mitigais.

E só me alento  
Quando posso chorar : são meus prazeres  
Um banquete de lagrimas ! Mil vezes  
Alegre ter-me-hão visto entre os alegres,  
Conversando, soltar ditos chistosos  
A rir e fazer rir. Um drama a vida  
Não é ? Porque julgar-se do semblante,  
Do semblante, essa mascara de carne  
Que homem recebeu para entrar no mundo

O que por dentro vai ? E' quasi sempre,  
Si ha estio no rosto, inverno n'alma.

Confesso-me ante vós : ouvi, contentes !  
O meu riso é fingido ; sim, mil vezes  
Com elle afógo os echos de um gemido  
Qu'imprevisto me chega á flôr dos labios ;  
Mil vezes sobre as cordas afinadas  
Que tanjo, o canto meu acompanhando,  
Cahe pranto. Oh! prasa ao Ceu qu'inda o não visseis!

Eu me fingo ante vós, que o fingimento  
E' no lar do prazer prudencia ao triste.  
Louco fóra por certo o que cantasse  
D'exequias hymno em bôdas ; ou de noiva,  
Qu'em transportes de amor o esposo abraça,  
Crépe de viuvez lançasse ao thálamo.  
Eu me finjo ante vós, porque venero  
O sublime das lagrimas ; conheço-as :  
São modestas Vestaes, vivem no ermo,  
Aporrecem festins ; olhos que o fogo  
Do banquete accendeu, lhes são odiosos:  
Descidas lá do céu, Virgens do Empyrio,  
Tem vestes de chystal, temem manchal-as.  
Bem fechadas nos claustros de meus olhos,  
Dentro em meu coração hei de escondel-as,  
Guardal-as bem de vós, contentes : hei-de,  
Porque a dôr me não traia n'este empenho,

• Zelosa e vigilante sentinella,  
Em meus labios trazer constante um riso.

III.

Hei de fingir-me ante vós,  
Porque sei que o desgraçado,  
Si a desgraça na occulta,  
E' de todos desprezado ;

Que o feliz que gosa os fructos  
Dos pomares da ventura,  
Não conhece o gosto acerbo  
Da peçonha da amargura ;

Que aos tristes consoladoras  
Palavras nos labios seus,  
São as palavras de Christo  
Na boca dos Phariseus,

IV.

N'estes versos vos dou minha vida :  
Minha vida, mortaes, é assim :  
Ante os homens um riso mentido,  
Longe d'elles um pranto sem fim.

E' veneno de arabico arôma  
Entre fumo subtil disfarçado ;  
E' cadaver de carnes despido,  
Com vestidos de gala trajado.

E' sepulcro, onde, o escarneo da morte,  
Mausoléo magestoso se arvora ;  
Morte, trevas, e terra por dentro :  
Vida, luzes e pompa por fóra.

N'estes versos vos dou minha vida,  
Minha vida, mortaes, é assim :  
Ante os homens um riso mentido ;  
Longe d'elles um pranto sem fim.



# O QUE SOU, E O QUE SEREI !

AO MEU AMIGO E COLLEGA

LAURINDO J. DA SILVA RABELLO.



## I.

HOMENS, que vedes-me a passar sombrio  
Pela estrada que vai da vida á morte !  
Talvez buscaes saber meu *quê* de vida —  
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso occulto de amor — certo — suppondes,  
Que um moço trovador é sempre amores :  
Nem pode outro condão sobre seu peito,  
Nem se acurva — tão cêdo — a outras dôres.

Julgais bem;—porem pouco...que em minha alma  
Amor plantou—mais fundo—o seu feitiço :  
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago  
O viver, como vêdes, tão submisso !

Não cuideis que o penoso sentimento,  
Que toda prende á amor minha existencia,

E' como esse sentir que todos sentem,  
De um dia, sem ardor, sem vehemencia !

Tambem já assim amei, si amor se pode  
Chamar essa illusão de namorado,  
Mas hoje este sentir me é tão da vida,  
Que, si elle me faltar, ver-me-heis finado.

II.

Indagais meu soffrer ? Buscai na terra  
O ente mais formoso,  
Aquelle que do Ceu for mais mimoso—  
Que todo meu sentir n'elle se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juizo ;  
Si o encontrardes ledo,  
Contai que descobristes o segredo  
Do meu prazer... vereis—sou todo riso.

Mas, si, ao contrario, virdes o quebranto  
Da tristeza em seu rosto,  
Julgai-me logo a padecer exposto ;  
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Si o virdes pôr em mim seus olhos bellos  
Seus labios me sorrindo,  
E seu seio a ondular candido e lindo...—  
O que eu sou—decifrai—sou todo anhelos.

Si uma palavra der-me, á similhaça  
    Das palavras do Ceu,  
Do coração rasgai-me o tenue véu,  
E abi lêde o que sou—sou todo esp'rança!

Contemplai a que amo.—Ora em languores  
    Quasi desfallecida ;  
Ora toda expressão, incendio e vida —  
E dir-me-heis, si heide, ou não, morrer da amores.

Homens ! Eis o que sou !—Dos trovadores  
    O que mais soffre e sente :  
Por este coração, por esta mente  
Sou todo inspirações, sou todo amores !

### III.

Mas perguntais-me vós, porq'inda triste  
Vou caminho da vida pensativo,  
Depois de o ente achar, que unico deve  
Por aureas sendas ao porvir levar-me ? !  
Porque ? Porque inda resta-me a incerteza,  
Essa inimiga certa da esperança,  
Que se me antolha horrenda em meus transportes !

Di-lo-ei todavia, homens (embora  
Traia o meu coração n'este segredo,  
Que a mim só confiou) di-lo-ei—é força,  
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo—  
O que serei, ouvi... é vaticinio

De um coração, a quem tornou propheta  
A luz de uns olhos lá do Ceu descidos.

Serei Nume, ou demonio sobre a terra...  
Todo ternura e amor, ou todo cholera...  
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não—eis todo o meu futuro,  
Para o qual duas paginas abertas  
Em perfeito contraste ha n'esse livro  
Immenso do porvir. E' uma d'ellas  
Toda negra e de sangue salpicada :  
A outra toda rósea, e matisada  
De azul e verde, com relêvos de ouro !  
D'estas paginas n'uma os nossos nomes,  
O d'ella e o meu, por força hão-de gravar-se.

Ver-me-heis Demonio apascentando furias,  
Precipitado a caminhar na terra,  
Como quem busca o termo da existencia ;  
Dos olhos a saltarem-se faiscas  
De loucura e furor ; na dextra um ferro,  
Nos labios um som unico—vingança !  
E assim medonho, impenetravel, louco  
Pisando por abrolhos sem sentil-os,  
Insensível a tudo, aos proprios crimes ;  
Querendo o mundo emfim todo de sangue !...  
Si ella minha não fôr—serei Demonio.!

Ver-me-heis porém, um Nume de venturas,  
Um prisma de affeições, candidas todas,  
Um poeta de amor, sorrindo á terra,  
Um ente só feliz olhando encantos ;  
Ver-me-heis co'os olhos em seu rosto impressos,  
Como os seus em minha alma impressos brilham ;  
Ver-me-heis co'os labios em seus pés,—e ao mundo  
Entretanto c'os pés calcando a fronte !!  
Si Eulina minha fôr !... Serei um Nume !!

IV.

Homens ! Eis meu provir :—dos trovadores  
Ou o mais desgraçado !  
Ou um Poeta magico, inspirado  
Bebendo vida e luz n'um Ceu de amores.

Bahia 28 de Janeiro de 1853.

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA.



# AMOR E LAGRIMAS.

OFFERECIDA AO MEU COLLEGA E AMIGO

**Manoel Bernardino Bolivar.**



Si ainda fosse possível na`minha alma  
Amanhecer um dia de ventura,  
Corado por um beijo de donzella  
Ao despontar d'auroa...

Si, Anjo de salvação mandado ao misero,  
Sorrindo, pelo Ceu jurasse a bella  
Fazer-me cada vez por novos beijos  
Mais rubra a côr do dia...

Si fiel companheira em toda parte  
Quizesse me seguir, presa conmigo,  
Como um raio celeste prêso a um astro  
A illuminar-lhe, o curso...

Si a visse, desdenhosa á mil thesouros,  
Só por ter-me, deixal-os, e contente  
A gabar-me o sabor do pão grosseiro  
Que me alimenta a vida...

Não a créra ; e talvez que até julgasse  
Tantas provas de amor atroz perfidia,  
Si amor me não brilhasse nos seus olhos  
No centro de uma lagrima.

Amor é fogo ; o coração que ama,  
Todo nas suas chammas se evapora,  
No rosto se condensa, e chega aos olhos  
Em agua convertido.

Que é um riso ?—Um prazer. Prizão estreita  
De duas almas ? — Sympathia apenas.  
E o abraços e beijos ? — Muitas vezes  
Sustento da lascivia.

Tudo isso diz amor ; mas quando ? —Quando,  
Filho de um doce affecto que se apura  
Nos cadinhos da dôr, é baptisado,  
N'um baptismo de prantos.

É bello ver-se uns ollios scintillantes,  
Accêzos em vulcões de fogo ignoto,  
A dardejar faiscas invisíveis  
Que os corações abrasam :

É bello vêr-se um rosto nacarado  
No carmim do prazer : é bello vêr-se  
Partir fino coral de rubros labios  
Um *sim* d'alma sahido :

Mas em rostos assim amor não falla ;  
E, se falla, as mais vezes diz mentiras ;  
E este *sim*—que tomamos por verdade,  
É escarneo do crente.

Quereis vel-o sincero ? Observai-o  
N'açucena de um rosto desmaiado,  
Entre os lirios de uns labios que roxêam  
Suspiros de agonia :

N'uns olhos, cuja luz crepusculante,  
Entre a neve das lagrimas, pareça  
Reverbero da alampada mortiça  
Do templo da saudade.

Ahi podeis lhe crer o que disser-vos,  
Podeis seguil-o sem temer um crime ;  
Que amor, si o pranto lhe borrifa as azas,  
Seu vôo ao céu dirige.

---

# A SAUDADE BRANCA.

COMPOSTA POR

**ocasião da morte de minha irmã,**

e offerecida ao meu intimo amigo e collega

**Antonio Augusto de Mendonça Junior.**



QUE tens, mímosa saudade ?  
Assim branca quem te fez ?  
Quem te poz tão desmaiada,  
Minha flor ? Que pallidez !

Ah ! . . . já sei : n'um peito vario  
Emblema foste de amor ;  
O peito mudou de affecto,  
E tu mudaste de côr,

Mas não ; so peito animado  
Por constancia e lealdade,  
Unida pode trazer-te  
Comsigo, minha saudade.

Demais tu não mudas : seja  
Qual for o destino teu,  
Conservas sempre o aspecto  
Que a Natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade ?  
Assim branca quem te fez ?  
Quem te poz tão desmaiada,  
Minha flor ? ! Que pallidez !

Quem sabe si és flor, saudade ?...  
Quem sabe ? Da sepultura  
Amor nas pedras penetra  
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh ! meu Deus, não seja  
Não seja esta idéa vã ! )  
Si em ti não foi transformada  
A alma de minha irmã ? !

« Minh'alma é toda saudades ;  
« De saudades morrerei » —  
Disse-me, quando a minh'alma  
Em saudades lhe deixei ;

E agora esta saudade  
Tão triste e pallida!... assim  
Como a saudade que geme  
Por ella dentro de mim !...

A namorar-me os sentidos!...  
A fascinar-me a razão !...  
Julgo que sinto a voz d'ella  
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !  
Aos meus labios, flor louçã!...  
No meu peito... Toma um beijo...  
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos  
Não te proíbe o pudor :  
Sou teu irmão , não te manchão  
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Si almas podem  
Em flores se transformar,  
Sendo almas encantadas ,  
As flores podem fallar.

Mas não fallas ?... não respondes ?...  
Oh crueis enganos meus !...  
Saudade, porque me illudes ?  
Minha irmã !... Meu Deus!... nreu Deus!...

Minha, irmã !... minha ventura  
Esperança, encanto meu !  
É teu irmão quem te chama !...  
Responde !... falla !... Sou eu !

Dista muito o ceu da terra ?  
Os anjos azas não tem ?  
Desata um vôo, meu anjo !  
Não tardes, meu anjo ! Vem !

Vem ! Ao menos um momento  
Quero ver-te, irmã querida :  
Embora, depois de ver-te,  
Fique cego toda a vida.

Mas não vens ? Deus te não deicha  
Vir ao mundo, meu amor ?  
Só devo encontrar no pranto  
Lenitivo á minha dôr ?

Ai ! minh'alma desfallece...  
E o coração, que apressado  
Com tanta força batia,  
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes  
Me vai ralando a agonia :  
A tempestade de angustias,  
Mudou-se em melancolia.

Que é isto ? ! Como tão negro  
Ficou-me todo o horizonte !  
Que suor me banha o rosto !  
Que pezo sinto na fronte !

Ah meu Deus ! graças ! aos olhos  
O pranto sinto chegar ;  
Si a boca não falla, ao menos  
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades ;  
Uma de sangue ensopada  
Pela mão do desespero  
No seio d'alma plantada ;

Outra da melancolia  
Toma o gesto, e veste a côr,  
Exangue, pallida e fria,  
Mas calada em sua dor. •

Perece que a natureza  
Quiz provar esta verdade,  
Quando diversa da roxa  
Te creou, branca saudade.



# Ao meu amigo e mestre

O SENHOR

**FRANCISCO MUNIZ BARRETO.**



## I.

Dizer não posso o que és, o que é teu canto.

Que o diga o Sol da Pátria

Nos ceus aos astros, quando, derramando

A luz que n'elles bebe,

Os astros vê nadando em novos lumes!

Que o diga a Primavera

Nos prados e nos montes

Nos jardins, nas searas

Descuidada deixando cabir flores,

E aparando teus versos no regaço.

Que o diga, em noite estiva,

A Lua melancolica

Pallida—immovel—a chorar ternuras,

Ouvindo-te saudosa — innamorada

Uma canção de amores.

Que o digão essas brizas tão suaves  
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,  
Refrigerão, deleitação, enfeitição,  
Trazendo-lhe o aroma que desprendem  
As flores bafejadas por teu estro.

Que o digão a escutar-te, quando altisono  
Nos narras inspirado  
Dos livres os triumphos, glória, e brios,  
A liberdade rindo,  
E o terror a tremer nas faces frias  
Dos pallidos tyrannos.

Que o diga amor, e escreva  
Nos tropheos que levanta,  
Quando, tangendo as cordas  
Da lyra de diamantes,  
Rendidos corações arrastas presos  
Nos grilhões de teu canto até seu solio.

Diga a mulher emfim, — não a que nutre  
Nos olhares ardentes de volupia  
A chamma impura das paixões nocivas;  
Divindade fatal, de cujos templos  
A razão a fugir ao crime entrega  
As áras e o thuribulo ;—mas a virgem,  
A virgem, que descer dos Ceus á terra  
Por escada de flores viu o homem  
No lindo sonho do domir primeiro :

O anjo que no exilio acompanhava  
O primeiro proscripto, e, no pão negro,  
Que lhe déra o peccado, transformou-lhe,  
C'um beijo em mel de rosa o fel das lagrimas :  
A estrella, que, depois de conduzir-nos  
    Por mares delicias  
Onde afogados de prazer morremos,  
    A vida nos restaura,  
E de luz divinal n'um raio amigo  
Nos embebe no seio o amor paterno.  
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,  
A completa mulher por Deus formada,  
Norma d'aquelle cofre que devera,  
Arca de salvação, guardal-o um dia,  
E cuja copia trasladaste em versos !

## II.

Eu não posso dizer o que é teu canto,  
    Nem cantar-te lóuvores.  
Si chamma etherea me accendesse o éstro...  
Si no meu coração vingasse ao menos  
    Uma flor de poesia...  
Porém não vinga a flor sobre o rochedo,  
Não medra a chamma, nem se nutre o raio  
Nas cortadoras humidas montanhas  
    De aglomerados gélos.

III.

Gratidão e amizade,  
Que dentro em mim se batem n'este empenho,  
Podem muito, Moniz, porém não podem  
De um trovista, qual eu, fazer poeta,  
Poetar como tu, para cantar-te !  
Seja, pois, fraco e fido testemunho  
De quando por ti sinto  
Este desejo que te envio.

IV.

Amigo  
Do riso e da afflicção me acarinhaste  
Do esteril pensamento os pêccos fructos ;  
Zeloso Mestre as trovas me lavaste  
No limpido Jordão da clara mente ;  
Amigo e Mestre deixa que te chame!  
—Amigo, — porque o és — minha alma o sabe ;  
—Mestre, — porque me pede o entusiasmo  
Dizer-te como tal ; porque preciso,  
Um nada como sou, do mundo ás portas  
Com o merito teu cobrir meu nome.

---

**Heide de, martyr de amor, morrer te amando.**



**GLOZA.**

O faxo do Elesponto apaga o dia,  
Sem que aos olhos de Hero o somno traga,  
Que dentro, de sua alma não se apaga,  
O fogo com que o faxo se accendia.

Afflicta o seu Leandro ao mar pedia,  
Que, abrandado por ella, a prece afaga,  
E traz-lhe o morto amante n'uma vaga,  
(Talvez vaga de amor, inda que fria.)

Ao vel-o pasma, e clama n'um transporte—  
« Leandro !.. és morto ?!.. Que destino infando  
« Te conduz aos meus braços desta sorte ? !! »

Morreste !... mas... (e ás ondas se arrojando  
Assim termina, já sorvendo a morte)  
« Heide martyr de amor, morrer te amando.



# **E' carpir, delirar, morrer por ella**



## **GLOZA.**

De uma ingrata em torphéo, despedaçado  
Meu coração devora amor cruento,  
Trocando em fero e barbaro tormento  
Quantos prazeres concodeu-me o fado.

No seio d'alma, já dilacerado,  
Negras furias do baratro apascento !  
Filtra-me o delirante pensamento  
De zelos negro fel envenenado.

Desprêso, ingratidão, fria esquivança  
Da cruel por quem morro, em tal procella  
Apagárão-me a estrella da esperança.

E eu (ao confessional-o a dôr me gella)  
Humilhado a seus pés, minha vingança  
*E' carpir, delirar, morrer por ella.*

\* Bocage.

---

# SONETO.



Geme, geme mortal infortunado,  
E' fado teu gener continuamente:  
Perante as leis do Fado és delinquente,  
Sempre tyranno algoz terás no Fado.

Mas para não ser mais invenenado  
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,  
Não te illuda o fallaz riso apparente  
De um futuro de rosas coroad.

So males o presente te affiança:  
Encrustado de vermes charco immundo  
Se te volve o passado na lembrança.

Busca pois o da morte ermo profundo:  
Despedaça a grimalda da esperanza:  
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.



# A' UMA SENHORA

POR OCCASIÃO

**DE TOCAR UMAS VARIAÇÕES SOBRE**

**THEMAS DE BELINI.**



Dos meus lares, dos meus que choro auzente,  
Me viestes acordar saudade impla,  
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,  
Que te fazes ouvir tão docemente.

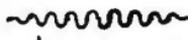
Do piano o teclado obediente  
Ao teu tocar, encheu-se de magia,  
E lá dos mortos na soidão sombria  
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,  
Amarguradas lagrimas verteu,  
Talvez do fero officio arrependida !

Beline do sepulcro a pedra ergueu ;  
E, cheio de alegria desmedida,  
C'um sorriso de gloria um—bravo—deu.

# A SRA. MARIETA LANDA

POR OCCASIÃO DE CANTAR NO THEATRO DE S. JOÃO.



Disseste a nota amena d'alegria,  
E arrebatado então nesse momento  
De um doce, divinal contentamento,  
Eu senti que minh'alma aos ceos subia.

Disseste a nota da melancolla,  
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;  
Senti que agudo espinho virulento  
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nune, tu que desta sorte  
Trazes o peito humano arrebatado  
Em successivo e rapido transporte ? !

Anjo ou nune não és ; mas, si te é dado  
No canto dar a vida, ou dar a morte,  
\* *Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.*

\* Francisco Muniz Aarretto,

---

## A' MESMA SENHORA.



TÃO doce como o som da doce avena  
Modulada na clave da saudade ;  
Como a brisa a voar na soledade  
Branda, singela, limpida, e serena ;

Ora em notas de gozo, ora de pena,  
Já cheia de solemne magestade,  
Já languida exprimindo piedade,  
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do teu canto no dom superno  
A dadiua descubro mais subida  
Que de um Deos pode dar o amor paterno

E minh'alma, n'um extase embebida,  
Aos teus, labios deseja um canto eterno.  
E só para gosar-o, eterna vida.

---

## A' MESMA SENHORA.



Alcione, perdido o esposo amado,  
Ao Ceu o esposo sem sessar pedia ;  
Porém as ternas preces surdo ouvia  
O ceu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado  
Tenta a pedra minar da campa fria ;  
A morte de seu pranto escarnecia,  
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah !—não fôra assim, si a voz tivera  
Tão bella, tão gentil, tão doce e clara,  
D'aquella que hoje n'este palco impera.

Si assim cantasse, o tumulo abalára  
Do bem querido ; e, branda a morte fera.  
Vivo o extinto esposo lhe entregar

---

# A' BAHIA.



## I.

Se o trovador, que out'ora,  
Como filho querido, nos teus braços  
Amorosa apertaste,  
De ti merece ainda uma lembrança,  
Patria, querida patria da minha alma,  
Terreno abençoado onde, aos milhares,  
Prantos que derramei brotarão risos,  
Recbe neste canto um reverbero  
Das chammass da amizade  
Eterna que por ti arde em meu peito.

## II.

Ao lindo sol da gloria, que teus campos  
Liberal fertilisa,  
Minha primeira luz não deve os raios,  
Nem teus jardins me derão  
Flôres com que adornasse o pobre berço;  
Lá nas campinas tuas não medimos

Nem eu, nem socios meus, brincando alegres  
Velocidade e forças  
Na carreira e nas lutas exforçados ;  
As mal pronunciadas  
Preces minhas sumir-se no infinito  
Não fôrão do teu céo, quando cansada  
A Tarde no Occidente despe a purpura  
Que o Nascente lhe deu, chamando-a—Aurora;  
Nessa hora em que a briza da saudade,  
Suspiro da saudosa Natureza,  
Com brando movimento agita as folhas  
Extremas do arvoredó, os passarinhos  
Volvem aos ninhos apressados vôos,  
E dubia luz, com trevas misturada,  
Pouco a pouco se exvae entre as sinsentas  
Montanhas vaporosas ; nessa hora  
Em que todo o universo, extasiado  
N'um culto involuntario,  
Parece ver passar o Anjo do Tempo  
Que vai, guarda da terra, a Deus dar conta  
Dos trabalhos diurnos ; nessa hora  
Em que a melancolia afaga os peitos,  
Em que a alma se contrahe ouvindo a queda  
Do pó que me de a vida,  
E, transido de magoa, o campanario  
Deixa cahir as lagrimas metalicas  
No sepulchro do dia.  
Amei onde nasci. Essa esperança  
Tão doce e feiticeira

Que na idade viril desponta n'alma ;  
Essa idéa de fogo onde releva  
A mão da phantasia imagem de anjo  
    Que nos seduz e arrasta  
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro  
Que no berço me vio, vio meus amores.  
O ameno Mon-Serrate a fresca Barra  
O místico Bom-fim não asilarão  
Meus primeiros segredos de ternura.  
Essa historia de enleos toda guardão  
Amigas margens do meu patrio Rio,  
Que até no curso rapido desenha  
    A rapidez das ditas ,  
Do gosos, do prazer que tive nella.

    O nascimento, a infancia  
    Os primeiros amores  
Não, não te devo a tí, terra querida ;  
    Mas a divida immensa  
Deste amor desvelado que me deste,  
Sem temor de baixesa, me consente  
    Chamar-te — minha patria.

### III.

Quando, pela desgraça arremessado  
No solo teu, sem nome, pobre, enfermo  
Quasi a esmolar um pão busquei teus filhos,  
Ellezos do desprezo que aos felizes  
    A desgraça sugere,

Irmãos, não só amigos  
Pais, não só protectores me abressarão.

As portas da sciencia,  
Que a chave da indigencia me feixára ,  
Tuas mãos generosas  
Abrirão francas á meu livre ingresso ;  
E avida almejavas ver-me o termo  
Da difficil viagem,  
Enchugar-me na frente illuminada  
O suor da fadiga,  
E a corôa de espinhos  
Que sorte me sugiu tornar de louros.

IV.

O Berço do nascimento,  
Ou em palacio opulento  
Trajando a gala real,  
Ou cama de palhas feita  
Onde a escrava o filho deita  
Enrolado no sendal;

O Céu que a primeira prece ,  
De tarde ou quando amanhece ,  
A' criança ouviu resar,  
Quer puro, e ledô surrindo,  
Que furioso bramindo,  
Fuzilando a trovejar;

O lugar onde primeiro  
O coração todo inteiro,  
Amor dizendo, se abriu;  
Prado florente e risonho  
Ou valle escuro e medonho  
Que sangue humano tingiu;

A patria, enfim, tem incantos  
Tão seductores e tantos,  
Que não se pode vencer !  
E' uma vizão divina  
Que a vida nos illumina,  
E nos segue até morrer ;

Mas tambem o porto amigo  
Onde nos braços comsigo  
A amizade nos levou,  
E d'alma, toda chagada,  
As feridas, consternada  
Uma por uma curou ;

Onde dextras apertamos,  
Em que pasmados achamos  
O calôr só natural  
A' chama que o céu atéa,  
Quando vea, sobre vea  
Sente sangue paternal ;

Essa terra bemfazeja,  
Inda que patria não seja,

Igual atractivo tem ;  
E o estranho protegido  
Pode, sendo agradecido,  
Chamá-la patria tambem.  
Lisonja, adulação alcunhe embora  
O vulgo o puro amor que te consagro,  
O culto que te rendo ;  
Recebeste o meu pranto no teu seio,  
Da fortuna engeitado perfilhastes-me,  
Patria, teu filho sou, e assim te adoro.



# INDICE.

Dedicatória	1
A quem ler	3
O que são meus versos.	5
O meu segredo	7
O genio e morte.	18
No album d'uma Senhora	25
Estragos de amor.	27
A minha resolução	33
A linguagem dos tristes.	36
Aos annos de meu presado amigo José Pedreira França	39
Epicedio á morte do Dr. José de Assis A. B. Moniz Barreto	45
Sobre o tumulo do Marechal Pedro Labatut	54
Adeos ao mundo.	62
A minha vida.	67
O que sou, e o que serei. de A. J. R. da C.	72
Amor e as lagrimas.	79
A saudade branca	83
Ao meu amigo F. Moniz Barreto.	89
Sonetos	94
A' Bahia.	97

---











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).